

Ciclo Visceral

Um processo em constante movimento

Sofia Pereira Cabañas

Mestrado em Artes Plásticas

Orientador

Nuno Faria

Caldas da Rainha, Março, 2024

Agradecimentos

Quero dedicar com muito amor esta dissertação aos meus pais. Pelo apoio e sobretudo pela paciência que estes tiveram durante o meu percurso individual e académico.

Aos meus queridos amigos, pela partilha de conversas e ideias, pelas memórias e pelos bons e maus momentos.

Aos meus orientadores, Nuno Faria e Catarina Câmara Pereira, pela motivação e pela compreensão.

Resumo

Não se trata apenas de uma dissertação, mas sim de um conto escrito com amor, honestidade e uma profunda melancolia, que em mim está entranhada. Este carrega memórias recentes e antigas que levam ao descobrimento consciente da relação que possuo com referências que me foram relevantes ao longo do meu processo individual e artístico. Contudo, não se trata de um diário, mas sim de um conto íntimo, grotesco, imaginário e introspectivo, onde ao longo deste partilho não só o modo de como penso e ajo perante o meu trabalho, que é de forma inconsciente e sobretudo impulsiva, como também a minha relação com a melancolia e vulnerabilidade que por vezes tanto evito em demonstrar. Exponho-me pela primeira vez de forma frágil e nua perante estas folhas. Assim como evidencio a superação dos meus próprios conflitos internos e da transformação espiritual que estes sentimentos tanto me fizeram crescer.

Visceral – Metamorfose – Melancolia – Grotesco – Memória

Abstract

This is not just an essay, but rather a tale written with love, honesty, and a profound melancholy that is deeply ingrained within me. It carries both recent and ancient memories that lead to a conscious discovery of the relationship I have with references that have been relevant to me throughout my individual and artistic journey. However, it is not a diary but rather an intimate, grotesque, imaginary, and introspective tale, where throughout it I share not only the way I think and act towards my work, which is unconsciously and mostly impulsively, but also about my relationship with melancholy and vulnerability that I sometimes avoid showing. I expose myself for the first time in a fragile and naked manner to these pages. Just as I highlight the overcoming of my own internal conflicts and the spiritual transformation that these feelings have made me grow so much.

Visceral - Metamorphosis - Melancholy - Grotesque - Memory

Índice

Introdução	4
Nua e Frágil.	9
Do Interior para o Exterior.	13
Uma Mirada que ainda me acompanha.	18
Um Herói Trágico.	23
Um Corpo com Memória.	27
O Fulgor da Centopeia.	32
Uma Alma que Perdura.	36
Uma Brincadeira Inocente.	41
Um Ovo Mutável.	46
A Súplica da Carne.	50
A Fuga do Grito.	55
Uma Reflexão Visceral.	59
O início de uma linguagem.	59
Rastros de tortura.	60
Uma violência que se quer mostrar.	62
Quem não arrisca não petisca.	62
Um desejo de expulsar.	64
“Algo” solitário.	66
A Massa sente e vive.	67
Conclusão	71
Bibliografia	72
Índice de Imagens	74

Introdução

Considerando-me uma pessoa sensível, mas com uma extrema dificuldade em expressar a minha vulnerabilidade, esta dissertação passa a ser o ponto de partida para essa demonstração e mudança, que ao longo da leitura deste mesmo, torna-se evidente.

Esta é para mim uma espécie de conto, que, para além de ser algo íntimo e introspetivo, pois levanto nele questões e conflitos que possuo, é inclusive, um lugar seguro, que só me pertence a mim e a quem o lê. Aqui, desabafo sobre a melancolia que em mim está enraizada; da necessidade de me expor e de me libertar da forma que for preciso; do sentimento de alienação que tanto sinto ao sair de casa, do meu medo extremo em perder o controlo da minha própria sanidade; da superação de

conflitos que por vezes evito; da minha necessidade e obsessão com o conceito de transformação pessoal e da importância que esta carrega no meu processo e trabalho; da importância em ir a fundo e vivenciar com intensidade as minhas questões e pensamentos, não só em relação comigo mas também com o mundo exterior; da impulsividade do meu corpo e da minha mente que me mexem sem possuir qualquer tipo de controlo sobre estes; da lembrança e da motivação que sinto até nos dias em que parece que tudo vai acabar; da lembrança que apesar de tudo não passamos de simples seres humanos com capacidades incríveis e da aceitação de que a nossa vida, apesar de efémera, é uma aventura que tem de ser experienciada ao máximo.

Desta forma chamei a esta dissertação *Ciclo Visceral*, uma montanha-russa que parece não ter fim, recheia de memórias, de constantes transformações, de imprevistos, de impulsividades, de intensidades, de aceitações e sobretudo de superações. Este deu lugar à minha criatividade e pura honestidade para comigo mesma. Partilho ao longo deste, desenhos que me são extremamente delicados, pois fazem parte de uma fase em que dera por mim numa escuridão profunda. Desenhos dos quais dividem os primeiros capítulos, cujo nomes dei com muito amor, uma vez que começo por relatar memórias cruciais que deram luz à minha relação íntima com outros artistas, escritores e cineastas. Partilho para quem lê, uma escrita inconsciente, impulsiva e sincera sobre uma etapa que julgara que se tratara de um bloqueio, mas que, no entanto, esta manifestava-se em forma de grito, um grito que me pedia para o libertar. Recorro por fim a uma reflexão introspetiva do meu processo e trabalho, destacando as principais e as mais relevantes transformações que tenho vindo a observar com o decorrer do tempo. Mudanças que para mim fizeram o meu trabalho transformar-se em algo íntimo e inesquecível.

Eu

Eu sou a que no mundo anda perdida,

Eu sou a que na vida não tem norte,

Sou a irmã do Sonho, e desta sorte

Sou a crucificada ... a dolorida ...

Sombra de névoa ténue e esvaecida,

E que o destino amargo, triste e forte,

Impele brutalmente para a morte!

Alma de luto sempre incompreendida! ...

Sou aquela que passa e ninguém vê ...

Sou a que chamam triste sem o ser ...

Sou a que chora sem saber porquê ...

Sou talvez a visão que Alguém sonhou,

Alguém que veio ao mundo pra me ver

E que nunca na vida me encontrou!¹

¹ Espanca. F (2011). Livro de Mágoas. Casa das Letras Editores.



Nua e Frágil.

Recordo vivamente a primeira vez que observei a pintura de Francisco Goya “Saturno devorando um filho”, criada entre 1819 e 1823. Encontrava-me no museu do Prado em Madrid juntamente com a companhia dos meus pais, pois tinha cerca de seis anos.

Nunca pensara que ao deparar-me com as “Pinturas Negras” deste artista, me iriam acompanhar ao longo da minha vida e processo artístico, pois, fascinou-me e ainda continua a fascinar-me de uma forma inexplicável. Do pouco que me lembro desse dia, posso dizer com quase toda a certeza, que essa pintura me deixou de certa forma desconfortável, não num sentido de não poder olhar para ela, ou de a achar repugnante, mas sim porque a vivi intensamente.



Não é por acaso que Francisco Goya, criou uma composição obscura, com cores e pinceladas escuras e expressivas. O artista sabia perfeitamente o que queria representar e transmitir. Um pesadelo e simultaneamente uma realidade para quem a observa. A postura contorcida, os olhos transtornados e loucos de Saturno que Goya representara, convidara-me para ser eu a próxima criança devorada. Este transmitia-me loucura, fome e ao mesmo tempo um sentimento de melancolia profunda.

Eu, com apenas seis anos sentira-me nua e frágil perante este.

Esta pintura, possuindo múltiplas interpretações e significados, que foram sendo divulgados ao longo da história. Sendo uma delas, uma perspectiva mais psicanalista, onde Freud constatara que eram representadas sensações de melancolia e de destruição. Assim como, pode ser inclusive uma crítica social e política, tendo em conta que Goya vivenciou as Guerras Napolitanas em Espanha, representando, através de Saturno, os acontecimentos que tanto o perturbaram.

Tendo em conta o passado e as ocorrências que este artista vivenciou, observamos que este carregava consigo uma grande sensação de melancolia, não só devido às Guerras Napoleónicas como também no aparecimento da sua doença que mais tarde, o deixou surdo. Desta forma, Goya transpunha para as suas obras, nuances psicológicas e emocionais como Freud comentara.

Foi através desta pintura, que tive o meu primeiro encontro com a representação da melancolia. Foi com este, que um novo caminho se abriu, para me deixar levar e permitir-me sentir tais emoções.





Do Interior para o Exterior.

Sendo eu, uma criança que começara a desenhar desde uma idade muito tenra, sempre me expressara de uma forma muito singular. Era raro para mim expressar ou demonstrar os meus sentimentos por palavras, pois achava algo extremamente difícil e duro.

Utilizara o desenho como uma via de escape. Como criação de um lugar onde só me pertencia a mim. Era uma forma fácil, instintiva e impulsiva de me acalmar e de comunicar o que me incomodara, independentemente do motivo, do material e do suporte.

Enquanto criança que sentia tudo à flor da pele e incapaz de comunicar verbalmente o que sentia, vinha-me na obrigação de transformar essas frustrações interiores na criação de cartas e desenhos transmitindo não só sentimentos melancólicos, mas também de felicidade e de agradecimento.

Contudo, era muito raro entregar essas cartas ou desenhos pois sentia-me incapaz de encarar todo o tipo de sentimentos que na altura me eram relevantes para as pessoas mais próximas de mim. Em vez disso, mantinha os objetos guardados para mim mesma ou escondia-os pela casa, em sítios pouco vulgares como por exemplo armários, no interior de roupa, no interior de sapatos, na gaveta de maquilhagem da minha mãe, na gaveta dos medicamentos e entre outros.

Logo, parece-me relevante mencionar uma artista, que apesar de a descobrir ao longo do meu percurso académico, carrego por esta um grande carinho e admiração. Não só pelas obras que maioritariamente abordavam temas como a fragilidade, o medo de abandono, inseguranças e emoções que derivam de experiências passadas (psique). Como também a força de uma mulher que transformava as suas frustrações interiores em algo extraordinário. Louise Bourgeois (25 de dezembro de 1911, Paris – 31 de maio de 2010, Nova York), transmitia esses assuntos através da representação de desenhos, esculturas e instalações.

Sendo esta, uma das figuras mais importantes da arte contemporânea, possui obras extremamente impactantes com um sentido poético, profundo e surreal, como é o caso da obra “Maman” realizada em 1999, que se encontra atualmente na Guggenheim em Bilbao, Espanha.

Esta obra, sendo uma das mais reconhecidas e mais significantes da artista, representa uma aranha com cerca de nove metros de altura e dez de largura realizada com aço inoxidável, mármore e bronze, contendo dentro do torso do cujo dito, trinta e dois ovos.

Representa um forte sentimento pela mãe e pela perda desta mesma, como também existe simultaneamente uma comoção de proteção e de ameaça, ou seja, a artista conseguiu criar um dualismo. Visto que as aranhas são normalmente associadas como algo intimidante, repugnante e por vezes podem causar desconforto perante alguns indivíduos. Para além da admiração que a artista demonstrava perante a figura materna, esta também se sentia intimidada pelo carácter da mesma.

*“The spider is an ode to my mother. She was my best friend...Like a spider, my mother was very clever. Spiders are friendly presences that eat mosquitos. We know that mosquitos spread diseases and are therefore unwanted. So, spiders are helpful and protective, just like my mother.”*²

A escolha de material que esta decidiu implementar para a construção desta mesma, oferece igualmente a mensagem de algo resistente e durador tal e qual as memórias e os sentimentos que esta portava.

Para além desta escultura, Louise era também afamada pela sua série de instalações “The Cells”. Uma série de sessenta celas inquietantes que consistem em pequenos microcosmos, isto é, pequenos universos que separam o mundo exterior do

² (Bourgeois. L)

interior. Nestes espaços fechados a artista ocupava o espaço com a colocação de objetos pessoais como por exemplo roupas, esculturas e mobílias, conseguindo desta forma, afetar a psique do espectador que circula à volta destas, fazendo com que este seja confrontado com os seus traumas mais obscuros.



*“Each cell deals with a fear (...) My reminiscences help me live in the present, and I want them to survive. I am a prisoner of my emotions. You have to tell your story, and you have to forget your story. You forget and forgive. It liberates you...”*³

Louise, desta forma, carregava todos os dias consigo, essas lembranças e vivia-as com intensidade. No entanto, é por estas mesmas e pela raiva constante que ela sentia, que lhe proporcionaram a possibilidade de criar obras que, não só a ajudaram a superar e a expressar-se, como ainda nos tempos de hoje são de grande relevância.

3

*“I transform nasty work into good work. I transform hate into love. That’s what makes me tick.”*⁴

³ (Bourgeois, L)

⁴ (Bourgeois, L)



Uma Mirada que ainda me acompanha.

Nunca fora uma criança de ler livros sobre aventuras, romances ou até sobre adolescentes. Procurava por algo empolgante que me fizesse ficar com a pele arrepiada e os pelos em pé, visto que, sempre fora uma criança com um gosto particular sobretudo no que diz respeito a horror e a cenários grotescos.

Após várias tentativas falhadas em obrigar-me a ler livros que na minha sincera opinião não me diziam nada, a minha mãe finalmente oferecera-me um livro que não só mudou a minha perspetiva relativamente aos limites do horror e da imaginação, como também se tornou num livro que ainda nos dias de hoje me acompanha. “Histórias Extraordinárias”, um livro de bolso escrito pelo poeta Edgar Allan Poe (Boston, 19 de janeiro de 1809 – Baltimore, 7 de outubro de 1849), onde estão presentes vários contos de horror e policial publicados entre 1833 e 1845. Apesar deste ser um livro que para mim carrega um grande valor sentimental. Não só pelo facto da minha mãe me ter oferecido com muito carinho como também é um livro que se identificou com vários dos sentimentos que me eram relevantes na altura e ainda na atualidade.

Existe nesse livro um conto, que até hoje me atormenta, “O Gato Preto”. Este relata a história de um narrador e do seu animal de estimação, Plutão, um gato preto de grande estatura. No decorrer da narrativa, uma série de acontecimentos perturbadores começam a vir ao de cima, devido à deterioração da saúde mental do narrador. Este, que acaba por ser consumido pela sua própria loucura, comete atos de extrema violência perante o seu animal levando-o até à morte.

“...Este espírito de perversidade veio provocar a minha queda final. Foi este insondável desejo da alma de se autoflagelar – violentar a sua própria natureza-, fazer mal pelo único desejo de fazer mal, que me levou a continuar e finalmente a consumir a malvadez que tinha infligido ao pacífico animal.”⁵

O narrador, mais tarde, acaba por substituir Plutão por outro gato que apresentara as mesmas características que o anterior. No entanto, este mostrava uma pequena mancha branca no peito. Este leva-o finalmente à insanidade, acabando por

⁵Allan Poe. E (2009) Histórias Extraordinárias, O Gato Preto (pág 48). Leya Editores.

confessar mais tarde, os atos que este fizera. Logo, estamos perante um narrador que inicialmente apresentava ser um amante de animais. Acabando por tornar-se num assassino.

Como podemos verificar pela leitura deste conto, Edgar Allan Poe, apresenta-nos um fascínio pela mente do ser humano, na deterioração desta mesma e na facilidade que é em alcançar a loucura. No fascínio pelo sobrenatural e pela simbologia. Um segundo gato que aparenta as mesmas características que Plutão, fazendo a sugestão de um espírito que surgiu na vida do narrador com o intuito de o torturar emocionalmente e da própria simbologia de um gato preto que representa o mal em muitas culturas. Existe também uma ênfase em sentimentos de culpa e de remorso originando desta forma uma atmosfera pesada e sombria, visto que a personagem carrega consigo todas essas emoções ao longo da história. É nos demonstrado inclusive uma personagem que não aparenta ser de confiança, pois subsiste pouca precisão no discurso deste mesmo, o que faz com que a história seja ambígua e pouco credível.

Tal como este conto e muitos outros são um excelente exemplo da escrita gótica, que se tornou reconhecida no final do século XVIII e início do século XIX. Esta apresenta características que se refletem na escrita de Edgar Allan Poe. Tais como, a capacidade de criar uma atmosfera inquietante em lugares como casas abandonadas, castelos, masmorras, mansões, cemitérios e a constante exploração de temas como a morte, a loucura, o isolamento, a alienação e o sobrenatural.

No entanto, existe uma razão pela qual Poe escrevia e transpunha para o leitor cenários inquietantes. Como muitos outros escritores e artistas. A vida de Poe foi moldada através de uma série de acontecimentos e sentimentos que acabaram eventualmente por refletir para as suas obras. Sentimentos como a perda, o abandono, a solidão e relações instáveis. A luta contra dependências e vícios que se podem observar no conto “O Gato Preto”, ou até de desespero e angústia visto que Poe passara por dificuldades financeiras.

Existe em Edgar Allan Poe, um olhar único. Para a criação de ambientes que envolvem o leitor de forma intensa e vivida. No cuidado da escolha de palavras onde transforma a sua escrita, que para além de macabra existe nela um lado poético e profundo. No forte interesse pela psicologia humana, onde é refletida através das suas personagens e na criação de narrativas que inesperadamente surgem reviravoltas levando ao leitor a questionar-se da credibilidade da mesma.

As obras de Poe, é como se fossem uma mirada constante, que apesar de não as ler todos os dias é como se as histórias me perseguissem. Como uma lembrança não só das minhas próprias vivências passadas como também no aviso de não deixarmos escapar a nossa sanidade.



Um Herói Trágico.

Em muitas viagens que fazia com os meus pais e irmão mais velho até Madrid. Passávamos a maior parte do percurso a ouvir os CDs que o meu irmão gravara. Estes estavam compostos por cerca de doze faixas musicais com estilos de música muito diversos, mas essencialmente, rock alternativo.

Em um desses CDs destacavam-se as músicas de uma banda em particular que na altura desconhecia, os Nirvana, composta pelo vocalista Kurt Cobain (20 de fevereiro de 1967, Washington – 5 de abril de 1994, Seattle) o baixista Krist Novoselic (16 de maio de 1965, Califórnia) e o último baterista Dave Grohl (14 de janeiro de 1969, Ohio).



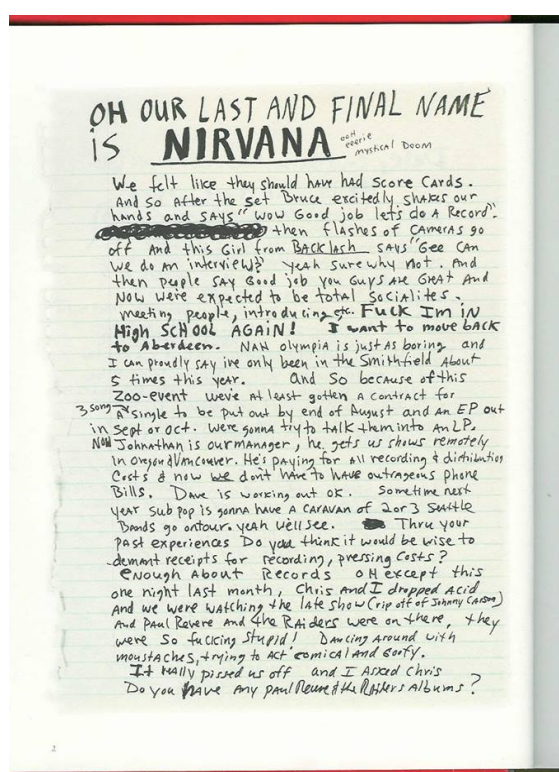
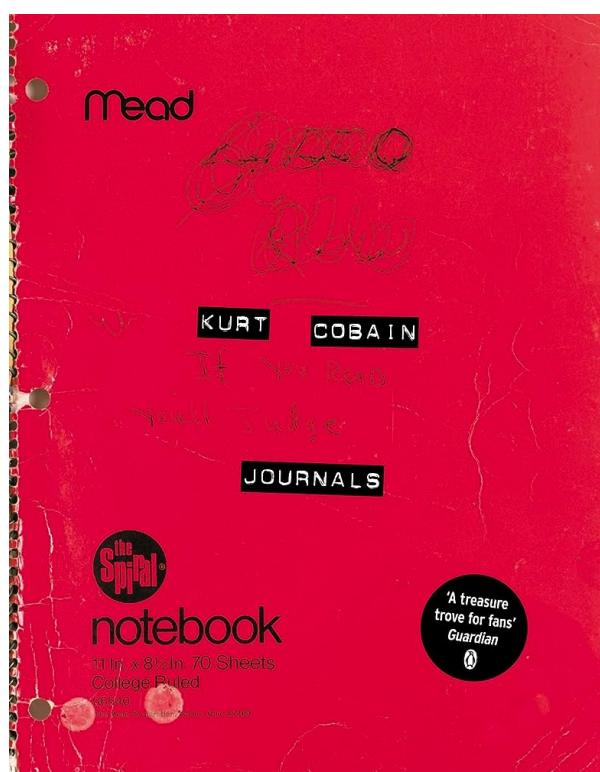
Conheci-os através de uma das músicas mais conhecidas deles ou se não a mais conhecida na altura “Smells Like Teen Spirit”, que me cativou logo assim que a ouvi pela primeira vez pois carrega consigo, uma enorme energia de frustração e revolta.

Load up on guns, bring your friends

It's fun to lose and to pretend

She's over-bored and self-assured

Assim começara a surgir pela minha vontade, uma enorme curiosidade perante a banda. Pelas letras musicais que abordavam temas como a depressão, a alienação social, traumas infantis, raiva e isolamento como também pela vida pessoal do vocalista levando-me desta forma a assistir o documentário “Montage of Heck” realizado em 2015 por Brett Morgen. Este revela-nos partes do diário de Cobain como também gravações e trechos de entrevistas com a banda, fazendo com que conhecêssemos as verdadeiras características de um jovem que não só partilhou com o público fases obscuras da sua vida, como também revolucionou a indústria da música, dando origem ao movimento grunge que emergiu no final dos anos oitenta e inícios dos anos noventa nos Estados Unidos.



Kurt Cobain partilhava através das letras musicais as suas frustrações da vida quotidiana, problemas pessoais e inclusive uma crítica social, política e educativa, pois este possuía uma péssima relação com as instituições educativas. A sua partilha de vulnerabilidade e melancolia sobre os problemas pessoais que este enfrentava, ofereceram-lhe uma imagem realista e mais humana, fazendo deste uma figura com que os jovens se pudessem identificar.

⁶ Nirvana (1991). Nevermind. Smell Like Teen Spirit.

No entanto, é sarcástico pensar que este apesar de ser visto como um “herói”, este mantinha uma postura oposta. Demonstrava uma atitude rebelde, pois não só desafiava as autoridades e as convenções como também os padrões de fama dentro da indústria musical que este tanto desprezava. Kurt Cobain por incrível que pareça procurava apenas e unicamente a sua própria individualidade e felicidade, através do que mais amava realizar como pintar, compor músicas e atuar. Procurava essencialmente uma vida simples.

Se observarmos para o caráter de Kurt e para o conceito de movimento romântico que se sucedeu nos séculos XVIII e XIX na Europa, podemos evidenciar que existem semelhanças. Este conceito de anti-herói serviu como propósito de corrupção às supostas ideias literárias que idealizavam o suposto herói, corajoso, forte e nobre. Logo, um anti-herói é aquele que possui as características opostas de um herói comum.

Nessas particularidades estão presentes algumas das quais o vocalista da banda Nirvana possui, alienamento, o desafiar de normas sociais, o individualismo (a busca constante pela sua própria verdade e felicidade) e um grande sentimento de melancolia.

Ironicamente Cobain através da sua demonstração de uma pessoa frágil, melancólica e pela busca constante da sua verdade através da sua experiência pessoal e emocional transformou-se, no entanto, num herói trágico.

Meat-eating orchids forgive no one just yet

Cut myself on angel hair and baby's breath

Broken hymen of your highness, I'm left black

Throw down your umbilical noose

So I can climb right back⁷

⁷ Nirvana (1993). In Utero. Heart-Shaped Box.



Um Corpo com Memória.

Depois de um mês atormentado, encontrara-me na biblioteca das Caldas da Rainha a tentar recuperar o tempo que julgara ter perdido. Sentara-me, abria o computador, o caderno e dera por mim estagnada sem saber por onde começar. Em vez disso, olhara para uma das janelas da biblioteca, a refletir sobre tudo o que experienciara no mês de outubro.

Incapaz de olhar para mim mesma, depois de algum tempo sem ataques de ansiedade, achei invulgar e estranho da minha parte, não estar orgulhosa com o progresso que tivera vindo a ter nestes últimos dias. De tão vulgar que este passara a ser, algo que infelizmente fazia parte dos meus dias, estar novamente calma parecia-me pouco familiar.

Neste momento exato, enquanto escrevo, encontro-me emocionada e aliviada por saber que o pior já se ultrapassou, mesmo que a sensação de angústia ainda permaneça presente no meu corpo e mente. Sempre com um pouco de receio que este volte, dou por mim a prever de forma inconsciente uma solução antes de este se manifestar.

Lembro-me deste com vividez e desprezo, pois não experienciara nada destas sensações há muitos anos. Dos calores frios, dos tremores constantes que percorriam e que se intensificavam numa fração de segundos, das palpitações do meu coração, que julgara que este abandonara de vez o meu corpo, da respiração que por mais que me esforçara parecia não conseguir, do medo constante que sentira ao estar sozinha num quarto e das noites de sono perdidas que passara com receio que este me atormentasse novamente.

Apesar de terminado, dou por mim a reviver vezes sem conta tais emoções que o meu corpo e mente se enfrentaram. Naquela meia hora que parecia não acabar.

Isso só demonstra que, naqueles momentos, fui incapaz de tomar controlo sobre o meu corpo e mente. Não me permitira a mim mesma inclusive experienciar e confrontar tais emoções pois desejava que terminassem por desaparecer.

Ao longo do mês de outubro, fui me lembrando de várias performances que a artista Marina Abramovic realizou, tais como "Rhythm 0" realizada em 1974, "Rest Energy" em 1980 e "Imponderabilia" em 1977.



6



7



8

Todas estas performances fizeram-me recordar do quão é frequente para esta mesma evocar sensações de vulnerabilidade, de ansiedade, de desconforto e de perigo no seu trabalho. Marina não só se coloca em situações inquietantes como também leva ao espectador a vivenciar e a questionar-se sobre estas mesmas com intensidade.

Não obstante, esse limite físico e mental exige por parte da artista um controlo do corpo e emocional que tanto admiro. Não se trata apenas de controlar estados de alta tensão e de desconforto, mas também de dor, de cansaço e de resistência. Requer inclusive disciplina e resistência perante os obstáculos que esta pode vir a experienciar ao longo da performance. Existe também, um desempenho no isolamento e na concentração, desta forma é capaz de focar-se em ações que no decorrer do ato podem ser importantes não só para se distrair do tempo e do público, mas também a estar mais presente no ato que realiza.

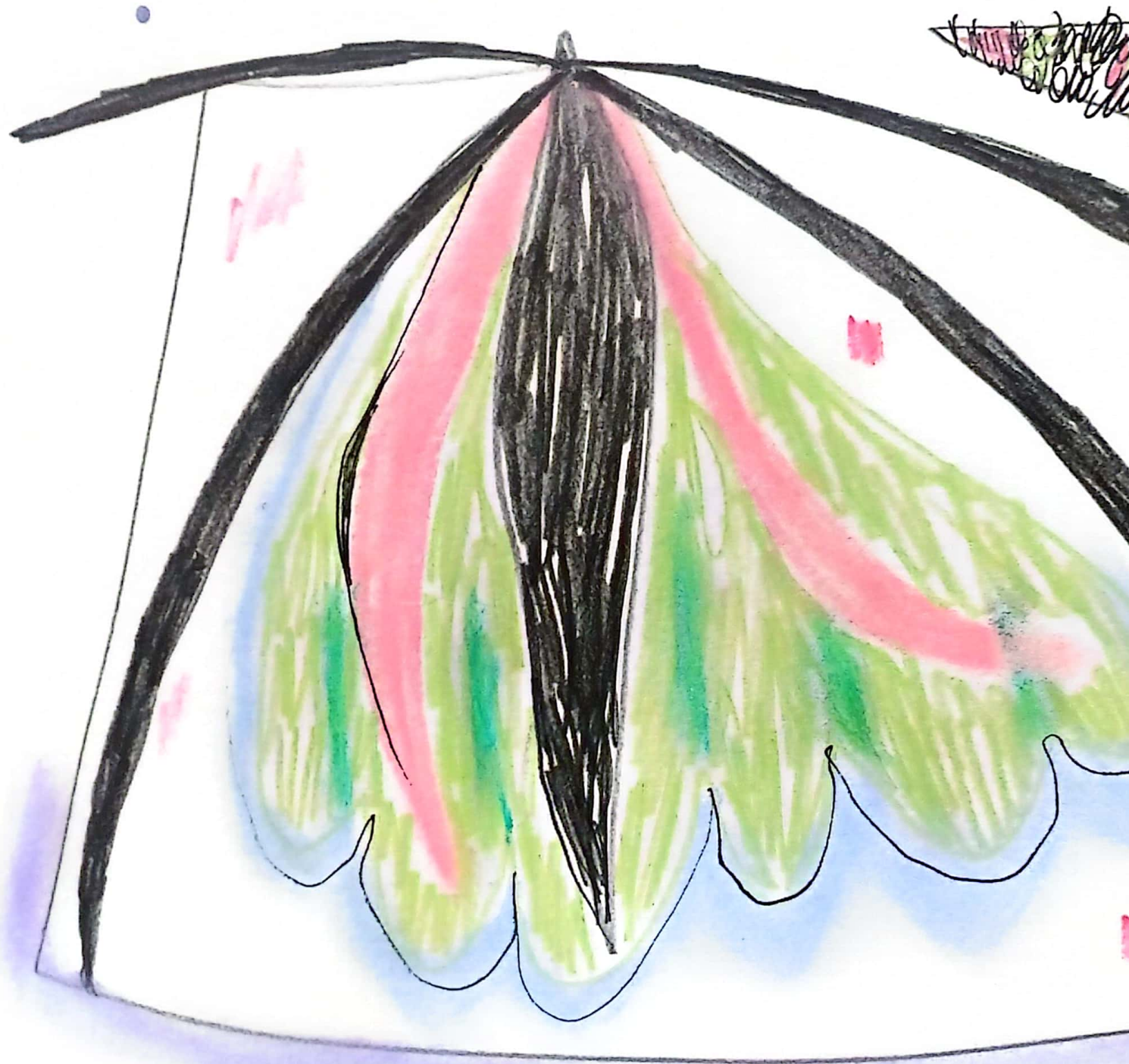
Este controlo que Marina Abramovic possui e que tanto fascina, pode ser de facto uma ajuda preciosa para alguém que é sujeito a momentos angustiantes. A capacidade mental em mudar de perspectiva, isto é, ter a consciência de que esse sentimento é passageiro e uma mera experiência.

O corpo que por momentos parece ser consumido por uma força, que nós próprios desconhecemos, não passa de um alerta e de uma reação exterior que

provém de sentimentos que se encontram no nosso inconsciente. Que de tanto negá-los e a empurrá-los para longe, o corpo por si só reage a essas consequências, manifestando-se mais tarde em formas que nos são incômodas.

No entanto, é interessante pensar no porquê da artista nos incentivar a vivenciar todo o tipo de sensações. Apesar de inquietantes é através destas que conseguimos obter um melhor autoconhecimento sobre nós mesmos e uma possível transformação, uma metamorfose que ocorre no nosso interior. Não obstante, é necessário salientar que não só é importante absorver o que sentimos como também é relevante explorarmos o nosso próprio corpo, desafiando os limites deste mesmo ao colocar-nos em situações extremas e perigosas com o intuito de superarmos medos e desafios.

Foi através de um intenso mês de outubro, de uma reflexão interior e de uma análise de performances de Marina Abramovic, que me apercebi do quão necessário é em adquirir esse controlo do corpo e da mente. Creio que com essa habilidade, não só teremos a disposição de enfrentar-nos com novos desafios como também acabamos por ter uma consciência mais elevada de quem somos. É um processo, com altos e baixos, mas que ainda assim haverá sempre algo de bom a retirar.





O Fulgor da Centopeia.

Era uma noite de verão, encontrara-me no meu quarto juntamente com o meu cão. Não recordo ao certo o que andara a fazer naquele instante, porém lembro com vividez a centopeia que circulara perdidamente no meu dormitório. Esta era castanha avermelhada, grande, e mexia-se de um lado para o outro com rapidez. Julgara que nunca fora uma pessoa com medo de insetos, até que, naquele momento, surgiu em mim uma fobia pelo pobre animal. A primeira reação que tivera era abandonar o quarto ou arranjar um objeto onde a pudera capturar, no entanto, depois de várias tentativas falhadas, dava por mim cansada de a perseguir, questionando-me se o melhor seria em deixá-la sossegada.

Esta que se escondia pelos cantos obscuros entre as mobílias, voltava a reaparecer e dava por mim com medo de algo que possivelmente tinha mais medo de mim do que eu dela. Olhara para o meu cão, que se encontrara calmo e sem vontade de se mexer, tentando desta forma, incentivá-lo para a caçar por mim. Este, que se levantara, aproximara-se da centopeia, cheirando-a e capturando-a, ou isso pensara eu. Festejara por breves momentos o alívio que sentira, até que observei a boca do meu cão a abrir-se lentamente e expulsando a centopeia que naquele momento encontrara-se viscosa. A situação tornou-se absurda, pois nem eu e nem o meu cão, que por livre vontade a deixou escapar, fôramos capazes de a recuperar. O resto da noite foi inquieta e fora para a cama com receio de que esta fosse ao meu encontro. Nunca a chegámos a capturar e desta nada sabíamos. Poderia eu, acordar de manhã e ser a solitária centopeia que tanto ansiava por capturar?

“Quando Gregor Samsa despertou uma manhã na sua cama de sonhos inquietos, viu-se metamorfoseado num monstruoso inseto”.⁸(pág.93).

Esta experiência, que apesar de arrepiante, serviu-me como começo para um novo entendimento da utilização de insetos na literatura e cinematografia, principalmente no que diz respeito à criação de ambientes desconfortáveis e desafiadores. Filmes como o “Naked Lunch”, realizado por David Cronenberg em 1991, baseado no romance de William S. Burroughs, assim como a obra de Frank Kafka “A Metamorfose”, servem como exemplo desta mesma criação, embora diferentes um do outro, estes apresentam semelhanças.

Em ambos existe a exploração da metamorfose, do alienamento, de críticas sociais, da exploração do inconsciente e sobretudo da aparição de simbolismos.

Enquanto, que Kafka utiliza a metamorfose da personagem principal “Gregor Samsa” como exploração da sua progressiva alienação, esta também, pode ser lida como uma questão existencialista. Com este, a personagem depara-se não só com uma mudança repentina onde é obrigado a aceitar a sua forma presente, a de um inseto repugnante, como também, retirar proveito uma vida simples e autêntica, fora de pressões da sociedade. Contudo, existe nesta metamorfose “desvantagens”, a falta de comunicação que este possui com a família e na sua própria integração na sociedade.

“.. Gregor era ainda um membro da família e que não devia de ser tratado como um inimigo, pelo contrário, o dever imperativo da família em relação a ele era engolir a repugnância e ter paciência, apenas ter paciência.”⁹

A mudança drástica de Gregor pode inclusive ser interpretada na minha perspetiva, como um reflexo da vulnerabilidade do ser humano ao deparar-se com circunstâncias imprevisíveis e assustadoras. Desta forma, a personagem principal ao longo da leitura, passa por vários momentos de desconexão emocional e de introspeção, questionando-se da sua identidade e das suas prioridades. Observamos

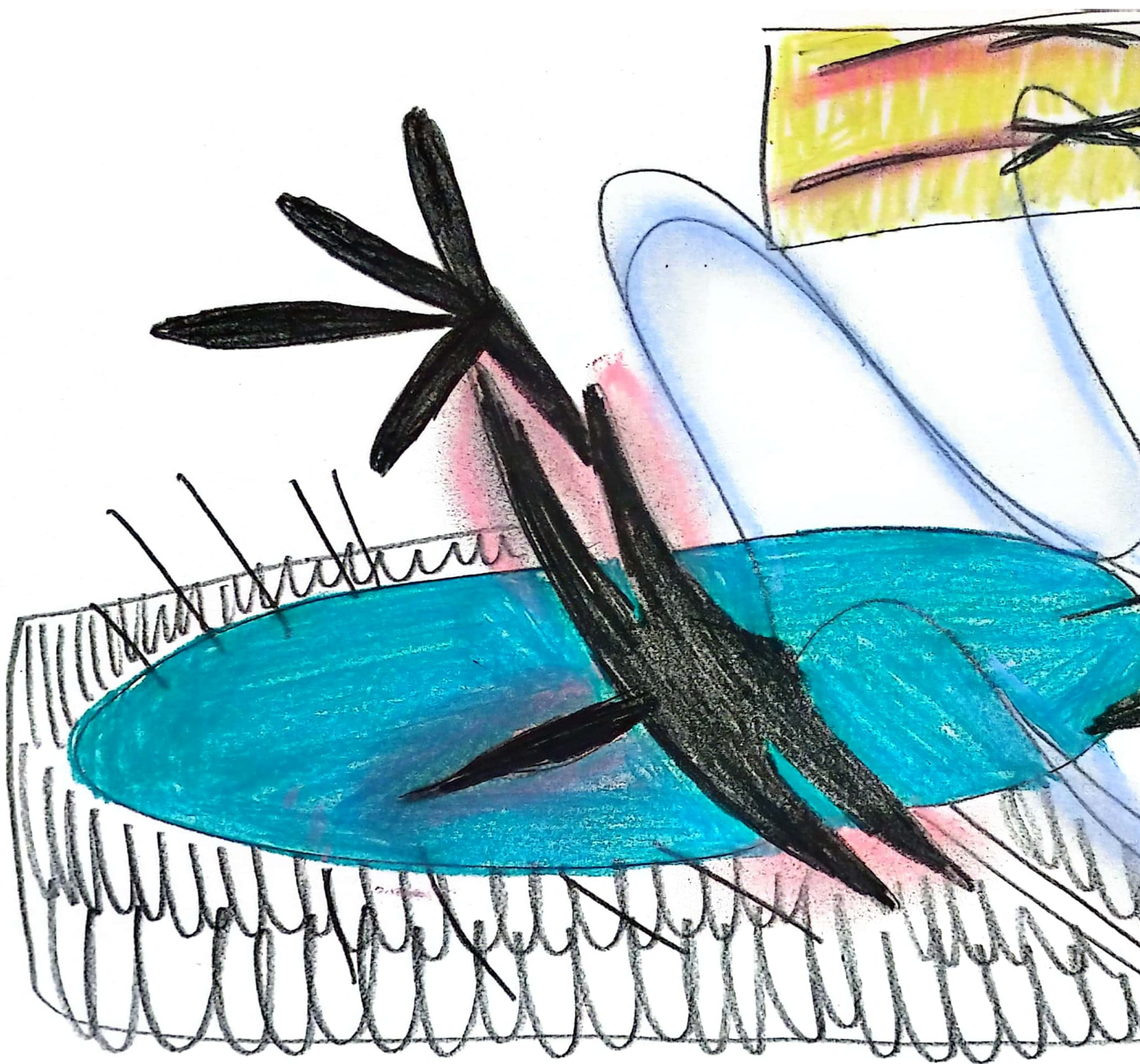
⁸ Kafka. F (2005). A Metamorfose (pág.93). Relógio D´Água.

⁹ Kafka. F (2005). A Metamorfose (pág.117). Relógio D´Água.

com o decorrer deste mesmo, a aceitação progressiva da sua condição e do gosto que este adquire em atividades “banais”, tais como, subir paredes, tetos e dormir em cantos escuros.

Por outro lado, a metamorfose que ocorre no filme “Naked Lunch”, é vista de forma surrealista e alucinatória. Os insetos que com o decorrer deste, simbolizam a despersonalização do protagonista, assim como podem estar associados a um retrato de uma sociedade corrupta. Assim sendo, o realizador consegue criar uma atmosfera caótica e simultaneamente perturbadora.

Apesar do uso de insetos como meio de exploração do conceito de transformação ou mutação que acaba por possuir um papel importante para ambos. Trata-se de reconhecer que estes representam nestes exemplos não só uma transformação física como também espiritual. A meu ver, reflete um processo introspetivo e simultaneamente doloroso

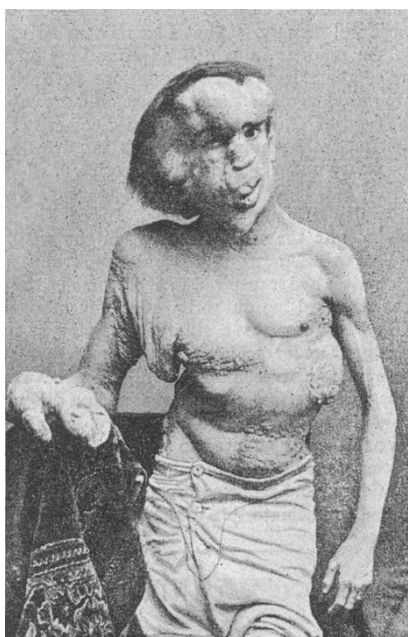


Uma Alma que Perdura.

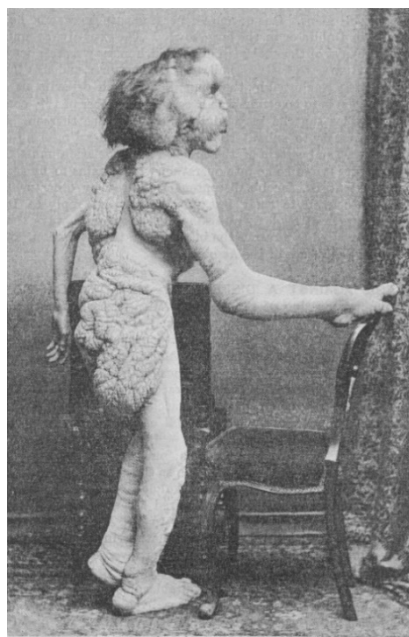
Relembro ainda hoje, um dia muito vulgar durante o meu primeiro ano de licenciatura. Encontrara-me com um antigo colega meu, no meu primeiro quarto, localizado junto ao Avenal, nas Caldas da Rainha. Costumávamos passar bastante tempo juntos, a ouvir música, a fazer desenhos e a experimentar uns sons que por incrível que pareça, deu no futuro, origem a um álbum de música que ainda nos dias de hoje o guardo comigo com muita alegria, pois foi a partir desse instante que surgiu em mim um forte interesse em produzir as minhas próprias músicas.

Olhara por momentos para umas fotografias que ele tivera guardadas no telemóvel. Entre muitas fotografias, das quais achava piada, surgiu uma que cativou a minha atenção, devido aos seus padrões geométricos e do seu lado enigmático. Perguntara-lhe de onde era essa fotografia e ele contestou “É a sala vermelha da série “Twin Peaks “, realizada por David Lynch. Na altura, que desconhecia a série e o realizador, sabia que eventualmente acabaria por assistir à série e a outros filmes deste mesmo, tais como “Inland Empire” (2006) e “Eraserhead” (1977).

Assisti na noite passada, pela terceira vez, um dos meus filmes preferidos de Lynch, “O Homem Elefante” (1980) um filme sombrio e romântico, baseado em eventos reais e nos livros “The Elephant Man and Other Reminiscences” escrito por Frederick Treves e “The Elephant Man: A Study in Human Dignity” pelo antropólogo Ashley Montagu.



10



11



12

Nunca houvera um único momento em que não deitara uma lágrima dos meus olhos. Sempre me fora um filme que me deixara melancólica, introspectiva, mas ainda assim inspirada pela força do protagonista (John Merrick) que, se enfrentava com a sua vida miserável, passando a maior parte desta, exposto para um público como um mero objeto de divertimento ou de contemplação pelo seu aspeto físico pouco vulgar, pois este sofria de neurofibromatose múltipla.

Não se trata apenas de retratar um animal, um pedaço de carne ou uma aberração. Trata-se sim, de representar um homem que apesar das suas características físicas, demonstra ser uma pessoa gentil, respeitosa, criativa e intelectual.

“Eu tenho de me basear na imaginação para aquilo que não consigo ver”¹⁰

Possuindo este, uma alma única, com habilidades que as outras personagens pouco ou nada possuem fazendo com que estas adquirissem ao longo do filme uma forte sensação de carinho e de admiração pelo cujo dito.

¹⁰ Lynch.D. (1980). O Homem Elefante.

“Eu estou sempre feliz, a minha vida é plena porque sei que sou amado”

Apesar de ter dado de caras com este filme apenas no primeiro ano de faculdade, este tem vindo a ser até aos dias de hoje, uma âncora a nível emocional pois carrega consigo uma mensagem que considero relevante como o levantamento de questões humanitárias e da inclusão social.

Considero que existe uma grande possibilidade do espectador se identificar com muitos aspetos do filme. Não necessariamente porque o físico seja grotesco, mas porque todos nós, dada altura nos sentimos deslocados na nossa sociedade, onde por momentos, nos deparamos numa selva, cheio de predadores prontos para caçar as melhores pressas quando estas se encontram vulneráveis. Experimentamos lugares onde não nos identificamos, indivíduos que julgamos que não nos compreendem e perdemos por momentos a consciência da nossa própria essência.

Penso que “O Homem Elefante”, oferece a cada um dos espectadores uma esperança quando nos deparamos em tais circunstâncias. John Merrick que apesar das suas vivências transtornantes, conseguiu não só encontrar-se a si próprio como foi capaz de sentir-se amado pelos que o rodeavam, acabando, pela sua alma perdurar.

“Nunca nada morrerá.

O rio corre.

O vento sopra.

As nuvens viajam.

O coração bate.”¹¹

¹¹ Lynch.D. (1980). O Homem Elefante.



Uma Brincadeira Inocente.

Tudo começara com uma conversa divertida no atelier, entre mim e as minhas colegas de turma, que afirmaram observar nos meus trabalhos referências de carácter sexual, tais como a representação de órgãos sexuais, ações “inapropriadas” e expulsão de líquidos que provinham das figuras que representara na altura. A princípio, que achara engraçado o que elas me comentavam, dava por mim sem conseguir visualizar e entender o que estas me diziam, pois achara que não passara de uma observação ridícula.

Voltara passado uns dias para o atelier, sem qualquer expectativa e motivação, até que tudo o que as minhas colegas me tinham partilhado fazia sentido. Soltara uma pequena gargalhada. Não acreditara no que vira, pois, de tão inconsciente que produzira os meus trabalhos, esquecera-me de me distanciar destes mesmos para os poder observar com outros olhos.

Fora a partir de uma brincadeira, que começara a ver um padrão e uma curiosidade que se manifestara de forma inconsciente e consistente nos meus trabalhos. Um interesse na exploração sexual e do tabu que existe há volta deste mesmo e dos seus próprios limites, isto é, da liberdade, do sarcasmo e simultaneamente do desprezo que persiste ainda nos dias de hoje, através da representação de figuras antropomórficas.

Para uma compreensão mais aprofundada acerca deste assunto, que considero sensível, recorri ao longo destes tempos a nomes como Pier Paolo Pasolini e Georges Bataille. O filme “Salò” ou “Os 120 dias de Sodoma”, realizado pelo cineasta italiano, Pier Paolo Pasolini, em 1975. É originalmente baseado num romance de Marquês de Sade “Os 120 dias em Sodoma”, filósofo e escritor francês, conhecido pela sua literatura ousada, erótica e de conteúdo explícito.

O filme retrata uma elite composta por quatro homens, que desprezam e ignoram a moralidade (libertinos), onde propõem isolar-se num castelo juntamente com um grupo de jovens (homens e mulheres), onde exploram e realizam as suas fantasias mais perversas e violentas, que com o decorrer deste, podemos vivenciar a presença de violações, fetiches, torturas e até assassinatos.



13

Pier Paolo Pasolini, pretendia com este, fazer uma crítica à sociedade contemporânea, explorando temas de poder, corrupção e de questionamento moral. Assim como eu, este tinha o interesse em expor a verdadeira essência do ser humano, questionando-se, dos limites da liberdade, não só socialmente, mas também artisticamente.

Assim como Pasolini, as obras de Bataille apesar de perturbadoras e desconfortáveis, buscam superar as formas convencionais da sociedade. Este, através de obras como “Madame Edwarda” de 1936, “O Morto” de 1967 e “A História do olho” de 1928, baseiam-se na exploração não só do êxtase sexual como também da morte, dos limites do desejo, da repulsão como também na busca de algo transcendente.

“Se tens medo de tudo, lê este livro, mas primeiro escuta-me: se ris, é porque tens medo. Um livro, parece-te, é a coisa inerte. É possível. E se, contudo – acontece -, não souberes ler? Deverias temer...? Estás só? Tens frio? Sabes até que ponto o homem é “tu próprio”? Imbecil? E nu?”¹²

Contudo, existe neste autor, uma característica única que considero intrigante de mencionar. O uso simbólico de ovos e de olhos. Conseguimos compreender que Bataille recorria à exploração do ovo como meio de abordar temas como a vida e a morte. No entanto, este não pretendia criar uma oposição perante estes, mas sim em oferecer à vida um maior significado. Por outro lado, o ovo pode indicar a presença de algo oculto, um mistério. Uma casca opaca cujo interior permanece incógnito até

¹² Bataille.G (1978). Madame Edwarda. O Morto. História do Olho. Lisboa. Edições António Ramos.

romper. Ao quebrar é demonstrada a verdadeira essência desse ser, isto é, a sua camada mais profunda é finalmente revelada.

O uso do olho, apesar de remeter para o ato de observação, Bataille interessava-se pelo olhar como meio de observação do proibido (do sagrado) como forma de transgressão, é para este uma forma de superar os limites da sociedade. Contudo, este olhar para algo sagrado, pode remeter para o voyeurismo (prazer sexual ou desejo que um indivíduo possui quando observa indivíduos a exercerem práticas íntimas com outros), ou até inclusive para uma experiência transcendente, onde se quebra as barreiras entre os limites da compreensão e da percepção.

É através destes símbolos, que Bataille tenta expressar aquilo que é impossível de expressar, com o intuito de revelar através destes, as partes mais profundas e obscuras da condição humana.

Fora a partir de uma brincadeira inocente, que o ovo finalmente quebrara, oferecendo-me assim a possibilidade de compreender aquilo que andara a realizar. Fora a partir dessa observação “proibida” que tanto andara a evitar, que me apercebera do quão este tema, que apesar de sensível, me fora relevante para continuar a expressar-me livremente.



Um Ovo

Tendo influência, o meu pai foi uma fonte de conhecimento que diz respeito a filmes, jamais filmes como “2001: O Espaço do Futuro”, de Stanley Kubrick e de “Alien” me influenciaram ou até a minha perspectiva e visão artísticas, assim de seres

O meu primeiro encontro com o filme “Alien Passageiro”, de Ridley Scott, foi



Mutável.

como grande pai, que sempre de conhecimento, respeito a música pensava que “Odisseia no Espaço” de 1968 realizada por toda a quadrilogia poderia mudar a minha de certos aspetos como na criação grotescos.

primeiro encontro e o oitavo de 1979 realizado por inesperado. Não

passara de um dia comum de aulas, com aproximadamente dez anos, dirigira-me para a sala de estar onde os meus pais passavam a maior parte do tempo. Olhara de relance para o ecrã de televisão e a primeira visão que tive foi a de uma criatura, mais conhecida como Xenomorfo (fig1), que nascera dentro do corpo de um dos membros da tripulação da nave espacial “Nostromo”. Na altura, que achara fascinante o simples facto de uma criatura como aquela sair e despedaçar o corpo de uma das personagens, deixara-me pressa, com medo e simultaneamente com vontade de assistir a este mesmo.

Inicialmente, achara que se tratava de um recém-nascido com aspeto grotesco, com características humanas e uma cor de pele que quase parecia fazer parte de uma máquina ou ferramenta pelo seu aspeto metalizado e rijo. Olhara para o meu pai, este estava atento, entusiasmado, no entanto não surpreendido com o que vira, visto que não era a primeira vez que este assistira ao filme. Perguntara-lhe baixinho e aproximando-me dele “Que bicho é esse? Não consigo perceber muito bem”. O meu pai, que não tirava os olhos da televisão, respondera-me “É um extraterrestre, mas não tem um aspeto muito comum, pois não?”. Olhara de volta para o filme e apercebera-me que de facto se tratava de uma criatura vinda de outro espaço, algo que parecia estar composto por partes da mesma nave especial onde as personagens

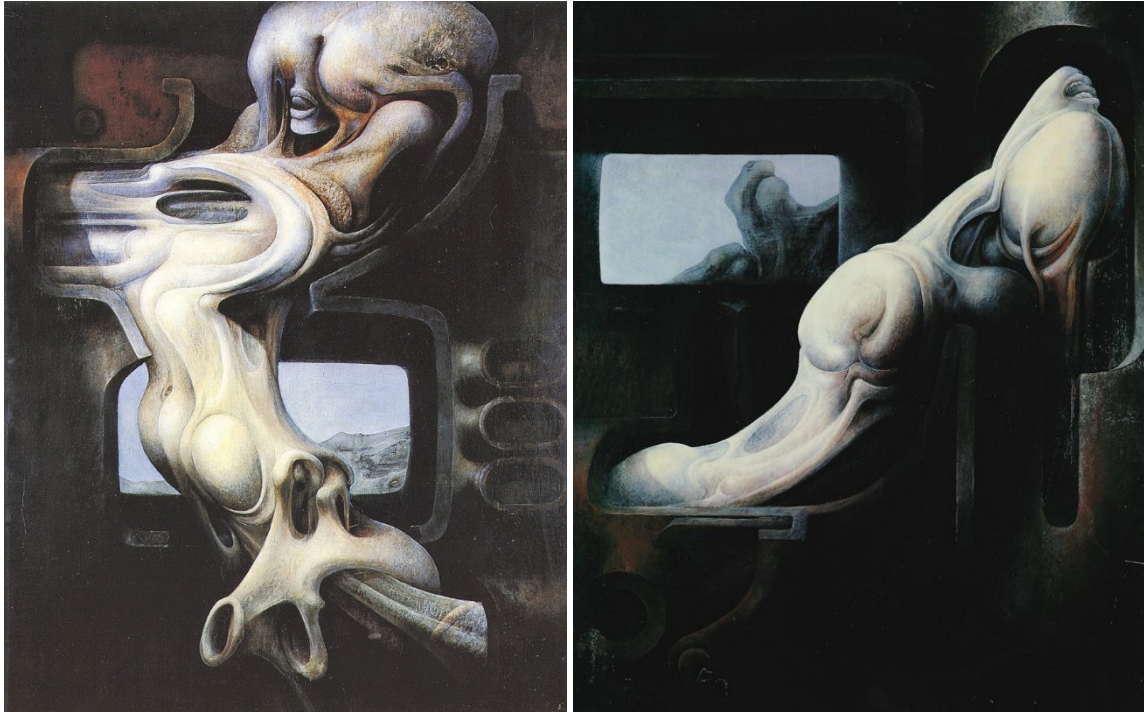
se encontravam, mas que ainda assim apresentava características humanas e animais.

O Xenomorfo, não era apenas a representação de um ser vivo de outro espaço, este demonstrava com o decorrer do filme, um carácter agressivo, forte e uma habilidade de camuflagem, com o propósito de atacar os restantes membros da tripulação. Não era a capacidade deste que me intrigava, era sim a sua própria constituição, a sua fisionomia e anatomia que com o decorrer dos filmes se vai verificando uma nova transformação deste mesmo. Este aparentava sofrer em todos, uma nova mutação.

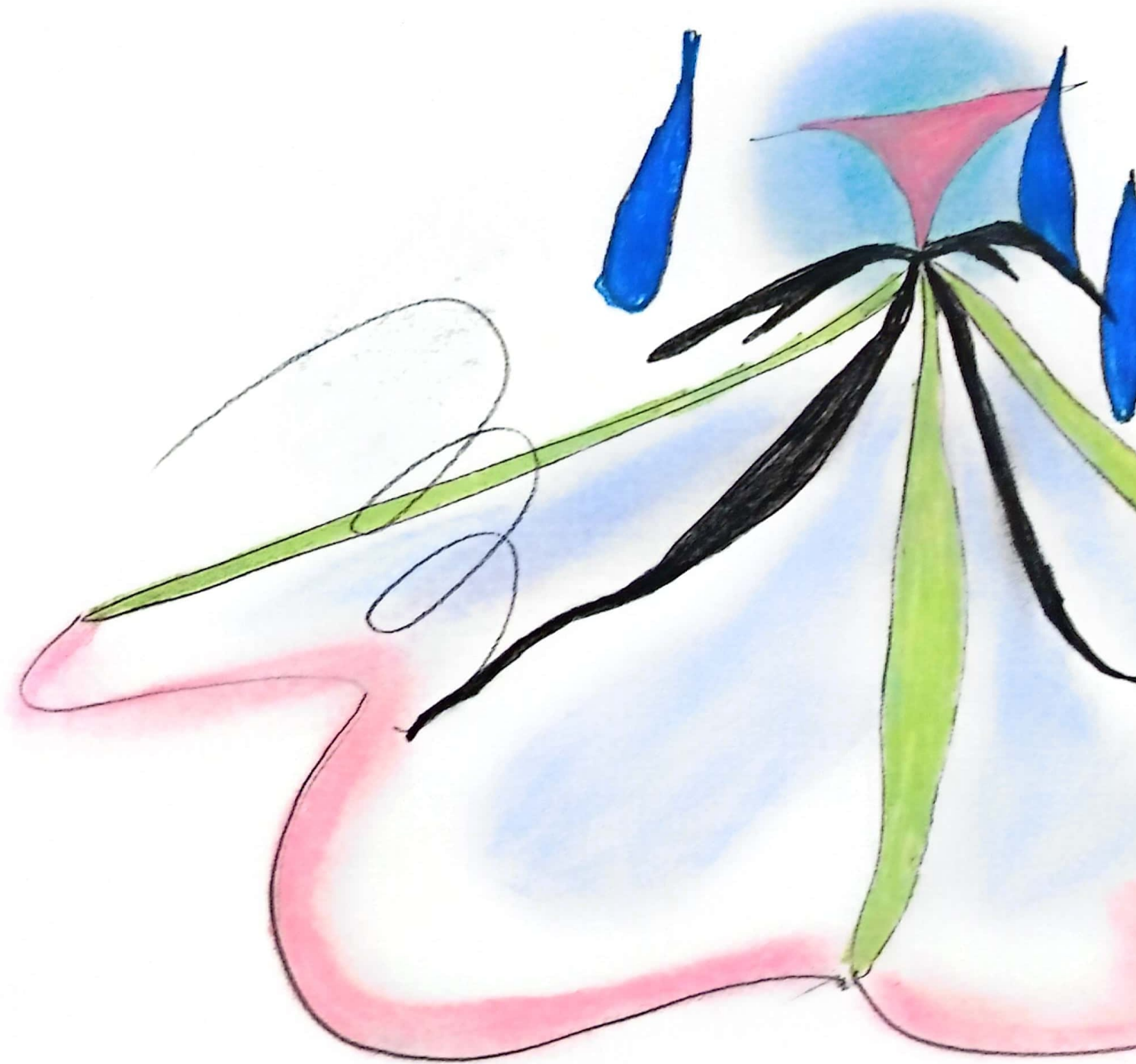
Com este interesse que ao longo do decorrer dos anos foi se intensificando, acabara por descobrir o artista plástico por trás da criação do Xenomorfo, Hans Rudolf Giger "H.R. Giger". As obras deste exploram temas de metamorfose, erotismo e de fusão entre elementos orgânicos e artificiais, daí o seu aspeto biomecânico ou robótico, mas que ainda assim são complementadas por características humanas e animais. Estas misturas de combinações originam por si só um aspeto grotesco e perturbador, características que definem maioritariamente as obras do artista.

Contudo, Giger, apesar de ser afamado pela sua criação de extraterrestres pouco convencionais, este ao longo da sua carreira realizou esculturas explorando diversos materiais e suportes, como também, desenhos detalhados que demonstram

ser uma ideia projetada de supostas máquinas surrealistas e pinturas de paisagens que levam ao observador ser transportado para um outro planeta. Existem duas pinturas deste mesmo, que me fizeram recordar alguns dos trabalhos que tenho vindo a realizar ao longo destes mesmos. “Homenage for S. Beckett I” (fig.15) e “Homenage for S. Beckett II” (fig.16), ambos realizados em 1968.



Estas duas obras em específico, oferecem na minha perspetiva a possível representação de uma massa, que pode ou não apresentar vida própria, assim como o desenvolvimento progressivo desta mesma. Um ser vivo coberto de uma película viscosa e transparente que aparenta ser moldável e volumosa, mostrando-se sair ou entrar nos canais de uma possível nave espacial. As obras de Giger, mostraram-me não só a inexistência de limites de transformações, como também, a inalcançável representação de criaturas, tanto figurativas como também antropomórficas e na força que estas possuem por si só, pois estas são incompreensíveis e enigmáticas



A Súplica da Carne.

Incapaz de prosseguir com a realização dos corpos antropomórficos. Dava por mim a entrar por um caminho, não de estagnação, mas sim de obsessão e de impulsividade perante o meu trabalho. Um caminho, que me exigia ir mais além daquilo que já andara a realizar.

Os corpos antropomórficos pediam-me para que os ampliasse, para que os dissecasse e que olhasse para esta como mera carniça. Uma carniça que me obrigava a vê-la como realmente era. Esta não passara apenas de uma carne, sem uma tonalidade capaz de a representar, mas sim de um conjunto de cores e texturas que a compunham e que com o passar do tempo, dia após dia, esta ia transformando-se em algo belo e meramente mortal.

De crua passara para pobre e quando menos o esperávamos, esta deixava de existir. Esta é efêmera.

*“A Figura dissipou-se realizando a profecia: tu não serás mais que areia, erva, poeira ou gota de água...”*¹³

Dava por mim a escrever sobre esta mesma, de forma espontânea e inconsciente. Era como se a conhecesse desde que nascera e esta pedira-me para que falasse dela, pois por breves instantes sentira que a carne era eu mesma.

Fora a partir desta necessidade repentina, que artistas como o Francis Bacon (28 de outubro de 1909, Dublin - 28 de abril de 1992, Madrid), me foram essenciais para prosseguir com este processo de ampliação e de representação de uma carne que para além de contemplativa, levava-me a questões existencialistas.

Bacon, possuía a capacidade e a sensibilidade em representar figuras humanas da forma mais carnal e visceral possível. Este com as suas obras, pretendia não só realçar aspetos meramente carnis como também representar através destes, temas como a sexualidade, violência e os aspetos mais vulneráveis do ser humano.

Contudo, apesar destes assuntos que tanto explorava, existe em Francis Bacon um interesse e uma obsessão em explorar o conceito da morte.

¹³ Deleuze. G (2011). A lógica da sensação (pág.75). Orfeu Negro.

Este não só sugeria nas suas obras uma abordagem da mortalidade através da realização de corpos contorcidos e desfigurados como método de demonstração da efemeridade da vida e da constante transformação do corpo humano, evocando para o espectador, sentimentos de desconforto, como era também através das expressões que estas figuras transmitiam, que destacavam a vulnerabilidade (medo e solidão) da inevitabilidade da morte.



17

*“A carniça não é uma carne morta, ela guardou todos os sofrimentos e recebeu em si todas as cores da carne viva. Tanta dor convulsiva e vulnerabilidade, mas ao mesmo tempo tanta invenção cativante, tanta cor e acrobacia.”*¹⁴ Pag64. A lógica da sensação.

Era crucial para Bacon, demonstrar esse aspeto da condição humana através da representação da carne e da carne crua, como uma espécie de linha temporal, nascemos, vivemos e por fim morremos. No entanto, este, devido ao seu fascínio pela anatomia do corpo humano, que, influenciou o seu interesse e sobretudo a forma como este representava os corpos, ofereceu desta forma, uma visão mais bela perante a morte.

Era através dos trípticos que este fizera, que ofereciam uma espécie de sequência narrativa, onde o espectador era incentivado a acompanhar a transformação, ou a metamorfose das suas figuras.

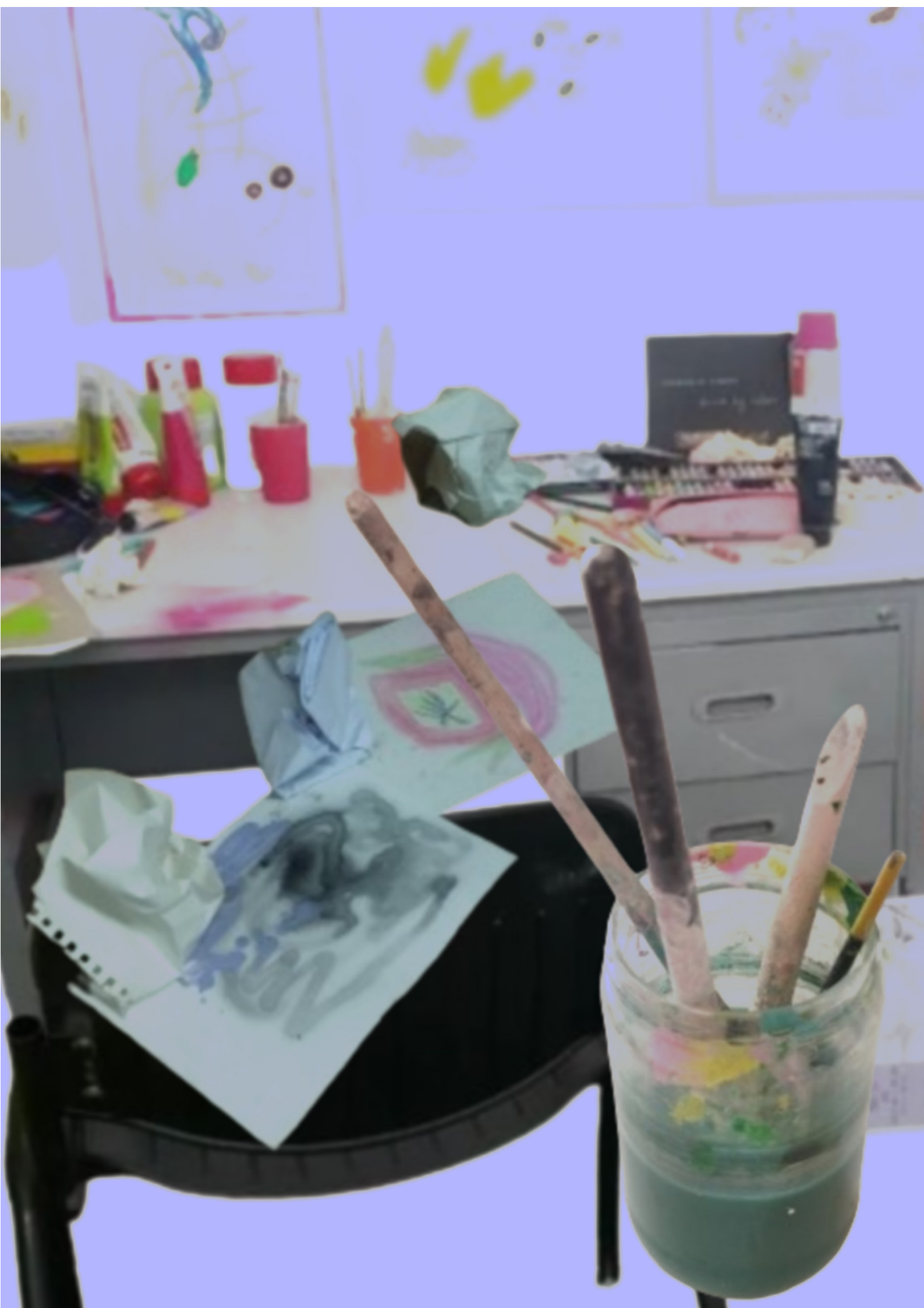
¹⁴ Deleuze. G (2011). A lógica da sensação (pág.64). Orfeu Negro.

Contudo, apesar da constante presença da exploração da condição humana, existe para além disso, uma experiência sensorial intensa. Não se trata apenas de observar figuras e a deformação que nelas ocorre sem estas realizarem uma ação, nem estarem sujeitas a qualquer tipo de violência. Trata-se sim de evocar uma força que provém destas mesmas, uma força transcendente que é provocada não só pela sua presença, mas também pela técnica pictórica que Francis Bacon possuía.

As suas pinceladas, as tintas espessas, a utilização das cores vibrantes e dos contrastes, conduziram para o aumento de uma força inexplicável, onde procura causar uma alteração no sistema nervoso de quem observa.

“No limite, é o mesmo corpo que dá a sensação e que recebe a sensação, é o mesmo corpo que é ao mesmo tempo objeto e sujeito. Eu, espectador, só experimento a sensação entrando dentro do quadro, acendendo à unidade do que sente e do que é sentido”¹⁵

¹⁵ Deleuze. G (2011). A lógica da sensação (pág.80). Orfeu Negro.



A Fuga do Grito.

Um bloqueio que nunca chegou a sê-lo.

Ao longo deste processo de escrita intensivo, introspetivo, mas ainda assim prazeroso. Este documento, acabou por tornar-se numa partilha íntima, recheia de memórias e de referências que de forma inconsciente influenciaram-me durante este percurso inesperado e desafiante.

Contudo, com o decorrer deste, dei por mim num ciclo vicioso e inexplicável. Um ciclo, onde me encontrara bloqueada e simultaneamente ansiosa por desejar mais. Incapaz de expressar ou tentar explicar esta sensação ou força que tanto me “atormentou” durante esta fase, sem ter qualquer controlo sobre o cujo dito, achei que o melhor a fazer seria escrever sobre este de forma automática e inconsciente, sem receio de julgamentos. Achei digno chamar a este seguinte texto “Já nada fazia sentido”.

Já nada fazia sentido. As folhas escritas encontravam-se riscadas. Tentava e não conseguia transmitir e expressar-me da melhor maneira.

Já nada fazia sentido. Ir ao atelier passou a ser uma tortura. Aquele lugar onde me sentia segura, gritava para que saísse de lá, pois já não me desejava.

Já nada fazia sentido. A forma como pegava nas folhas, como riscava, como manchava, como misturava as cores, como olhara para os meus trabalhos e principalmente como olhara para mim mesma.

Já nada fazia sentido. A forma como o meu cantinho do atelier se encontrava. Era sujo e desorganizado sim, mas não como eu desejava.

Já nada fazia sentido. A música que colocava para me motivar deixou de me inspirar e em vez disso, dava por mim com os olhos aguados e inchados.

Já nada fazia sentido. As texturas das folhas irritavam-me, ver os meus trabalhos enfureciam-me e ver-me assim desiludia-me.

Já nada fazia sentido. A forma como lia os meus desabafos.

Já nada fazia sentido. Ponderei nunca chegar a acabar este documento.

Já nada fazia sentido. A Sofia que começara a escrever, já não era a mesma de hoje.

Já nada fazia sentido. Na verdade, nunca se tratou de falta de motivação ou de procrastinação. Tratou-se de um chamamento para gritar.

Já nada fazia sentido. Sempre se tratou de um impulso incontrollável que agora se encontrara preso por uma escrita, que agora é inconsciente.

Já nada fazia sentido. Onde andara o desenho que tanto desejava? Como poderia eu invocá-lo e pedi-lo que voltasse?

Já nada fazia sentido. As noites que perdi a imaginar as folhas brancas a ganharem vida.

Já nada fazia sentido. O desenho aparecera cheio de raiva e eu insatisfeita com os resultados deste.

Já nada fazia sentido. Mas continuei porque a força pediu.

Já nada fazia sentido, mas e agora?

Agora faz todo o sentido porque o grito fugiu.



Uma Reflexão Visceral.

O início de uma linguagem.

No início do mestrado, sem ter qualquer expectativa em relação ao que iria realizar, dera por mim a começar uma espécie de “dicionário” ou de “simbologia” inconsciente, que ao longo da folha se ia tornando evidente. Evidente e inconsciente porque senti a necessidade de repetir gestos e componentes que fizera quando era criança. Como é o caso da representação de penitentes (indivíduos que possuem vestimentas e capuzes bicudos com dois orifícios nos olhos, de forma a ocultarem a sua identidade), ou até a representação de corações partidos ou não (símbolo que representava frequentemente em cartas quando me sentia melancólica/feliz).



Fora a partir deste impulso, que começara a desenvolver uma espécie de linguagem própria e ao mesmo tempo nostálgica, onde estes podiam ou não comunicar entre eles. Era como se quisesse criar uma narrativa entre mim e uma versão mais pequena de mim mesma, onde antigos e novos elementos se cruzavam e transformavam-se numa só, a partir de um pequeno gesto inconsciente, de um lápis de cor ou de grafite. Desta forma, originou-se, uma nova experiência, uma nova linguagem pictórica e uma mudança inesperada.

*“Não se trata de uma experiência psicológica, mas de uma experiência propriamente pictural embora possa ter uma grande influencia na vida psíquica do pintor.”*¹⁶— A Lógica da Sensação, Gilles Deleuze pág. 173 e 174.



Rastros
(U m a
nasce).

de tortura.
f o r ç a q u e

A narrativa fora tornando-se num conto de massacres. Novas personagens entraram na folha e dera por mim arrepiada com o que andara a fazer. Deixara de ter noção, pois parecia que o meu processo de trabalho era dominado por um momento de êxtase, pela qual não possuía controlo. A mão mexia-se sozinha, os olhos não piscavam, os materiais vinham ter até mim e assim que fechava os olhos e voltava a

¹⁶ Deleuze. G (2011). A lógica da sensação (pág.173-174). Orfeu Negro.

abrir era como se tivesse despertado de um sonho breve. A narrativa deixara de ser de mim para mim e passara a ser uma representação grotesca onde manchas vermelhas a lápis de cor, pastel seco ou aguarela sugeriam a presença de sangue. As folhas passaram a ser um local de tortura onde as figuras habitavam. Não é explícito quem feriu, quem sofreu e também não é relevante. Aqui existe apenas um rastro de tortura.



Uma violência que se quer mostrar.

(Uma força que é exercida).

Dia após dia, o conteúdo da folha ia mudando e a minha perspectiva sobre esta também. Deixara de ficar surpreendida com o conteúdo desta e passara a aceitar a violência que de mim provinha e transpunha para o suporte. Neste momento, sabíamos quem tinha ferido quem e quem tinha sofrido. A representação das figuras mudara repentinamente e já não estava mais presente os símbolos que criara quando era criança. Estas transformaram-se noutras ainda mais misteriosas. Algumas mais figurativas, outras não, outras eram representadas por um “círculo” riscado a lápis de cor com vários tons, um par de braços e pernas e desta vez torna-se evidente o ato de violência, através das próprias figuras ou de um objeto que passara ser a “arma do crime”.



22

Quem não arrisca não petisca.

(Uma força que deseja gritar).



23

Ao apreender a levar o meu trabalho e processo com certo divertimento, dera por mim incentivada a arriscar. Começara a ser levada a experimentar novas matérias

como o barro, cabelo, spray de tinta, pastéis de óleo e acrílico, assim como a misturá-los. Dando origem às minhas duas únicas esculturas que realizará com o decorrer do mestrado, a série “Objetos inúteis capazes de matar”, composta por uns binóculos, onde olhos saltam do cujo dito e uma escova, que possui cerdas longas e pontiagudas. Confesso nunca ter tido a melhor experiência ao realizar esculturas, pois requiere da minha parte uma certa paciência e organização, coisa que mais menosprezava ao longo do desenvolvimento destes. A ideia de esperar que as matérias secassem não me agradava, sendo então, obrigada a arranjar uma solução mais prática, mas ainda assim rápida e impulsiva.



Esta mudança, refletia igualmente para os desenhos, onde deixaram de ser compostos por figuras incógnitas passando a ganhar formas mais humanas e animais, assim como a cor, que deixara de ser leve, passando a ser mais agressiva e viva.

A violência deixara de existir de forma óbvia, a brincadeira, a provocação e o sarcasmo mostraram-se inesperadamente.



U m

desejo de expulsar.

25

(Uma força que finalmente é expulsa).

Julgara que a violência tivesse desaparecido, no entanto, esta encontrava-se camuflada e pedira-me para que a expulsasse. Deixara de ser uma violência óbvia, passando a ser uma força que provinha das próprias figuras. O corpo destas exigia que algo se libertasse, sendo provocado por elas mesmas ou pela intervenção de outras personagens. O desenho transformara-se em pintura, representando desta vez, indícios de carácter sexual pela representação de ações e de órgãos sexuais. As figuras que para além de constituírem formas humanas, conseguiam manter um lado enigmático e um olhar provocador, convidando a quem observa a sentir-se intimidado por estas, ou pelo menos era assim que me sentia. O corpo destas continham e finalmente expulsavam um líquido verde que acabara por rodeá-las e pressioná-las. Deixavam-se levar pela violência e simultaneamente pelo prazer que sentiam ao observar o líquido ou a força a sair dentro delas mesmas. A força agora era livre e independente, estende-se e viaja pelo suporte. Esta sentia-se finalmente viva e inalcançável.





“Algo” solitário.

(Uma força que ganha corpo).

O líquido fora finalmente libertado e os corpos, que serviam apenas como caixa onde a força estava contida, dissiparam-se, pois, o objetivo destes fora concretizado. Esta que ia percorrendo o suporte e passando pelas figuras, sentira-se agora inútil e perdida. Esta quis isolar-se nas folhas de papel, em planos abstratos e com cores vivas. Nua e vulnerável, não passava agora de um objeto ou de uma massa volumosa, sem olhos, sem boca, sem pernas e sem braços. Apresentara uma cor bege, com tons vermelhos, azulados e amarelados. Era como se esta, ainda em fase de transformação, cai-se no seu próprio abismo, desejando apenas e unicamente estar imóvel tal como um mero objeto de contemplação.

27

28



A Massa sente e vive.

(Uma força que luta).

O corpo quieto fora perdendo a paciência de permanecer no mesmo local, sendo obrigado a concluir a sua transformação deixando-se levar pela sua própria natureza. A verdade é que não ocorreram mudanças drásticas no cujo dito, no entanto, dia após dia este ia se apercebendo que a sua tonalidade ia escurecendo.

Começara a sentir-se fraco e de cada vez que era representado novas manchas a óleo de cor verde, azulada e roxa iam surgindo. Era uma degradação. Este corpo, sempre que saltara de folha em folha, mudara de posição, esticava, dilatava e contorcia-se. Nele havia surgido uma necessidade de sentir que estava vivo, pois, de cada vez que este movia-se as suas entranhas acompanhavam-no. A hipótese de este ser um objeto terminara por não fazer sentido, passando agora a ser um ser vivo informe que contava os dias até apodrecer de vez. Neste estava agora presente, uma linha temporal, um ciclo de vida, onde todos os seres são forçados a aceitar o seu próprio destino.

No dia 14 de março de 2023 escrevi:

Hoje o ventre caminhou, por um túnel escuro e frio.

Sozinho foi este, até às profundezas de algo que nem ele percebe o que é.

Ele só sabe que caminha, com um propósito que nem ele sabe qual é.

Julgam-no pesado, duro e frio, mas ele na verdade é manso.

Um peso leve, diz ele para ele mesmo, não passo de um ser manso e pesado e,
no

entanto, apesar de afirmar para os outros, eles não se acreditam.

Tem uma camada rosada e suave que ao ser pisado e mastigado torna-se num
ser

degradado, verde e podre.

Pobre ventre, pensei eu para mim mesma.

Não sabe quando parar.

É guiado por um forte impulso e apesar de ele saber inconscientemente que lhe
faz mal,

não consegue evitá-lo.

Parece que gosta de torturar-se a ele mesmo, pensei eu.

Pobre ventre, não sabes que caminhas em direção à morte.

Um dia irás parar e aí já será tarde de mais.

Massa
amplia.

força que
ser nós

De
objeto



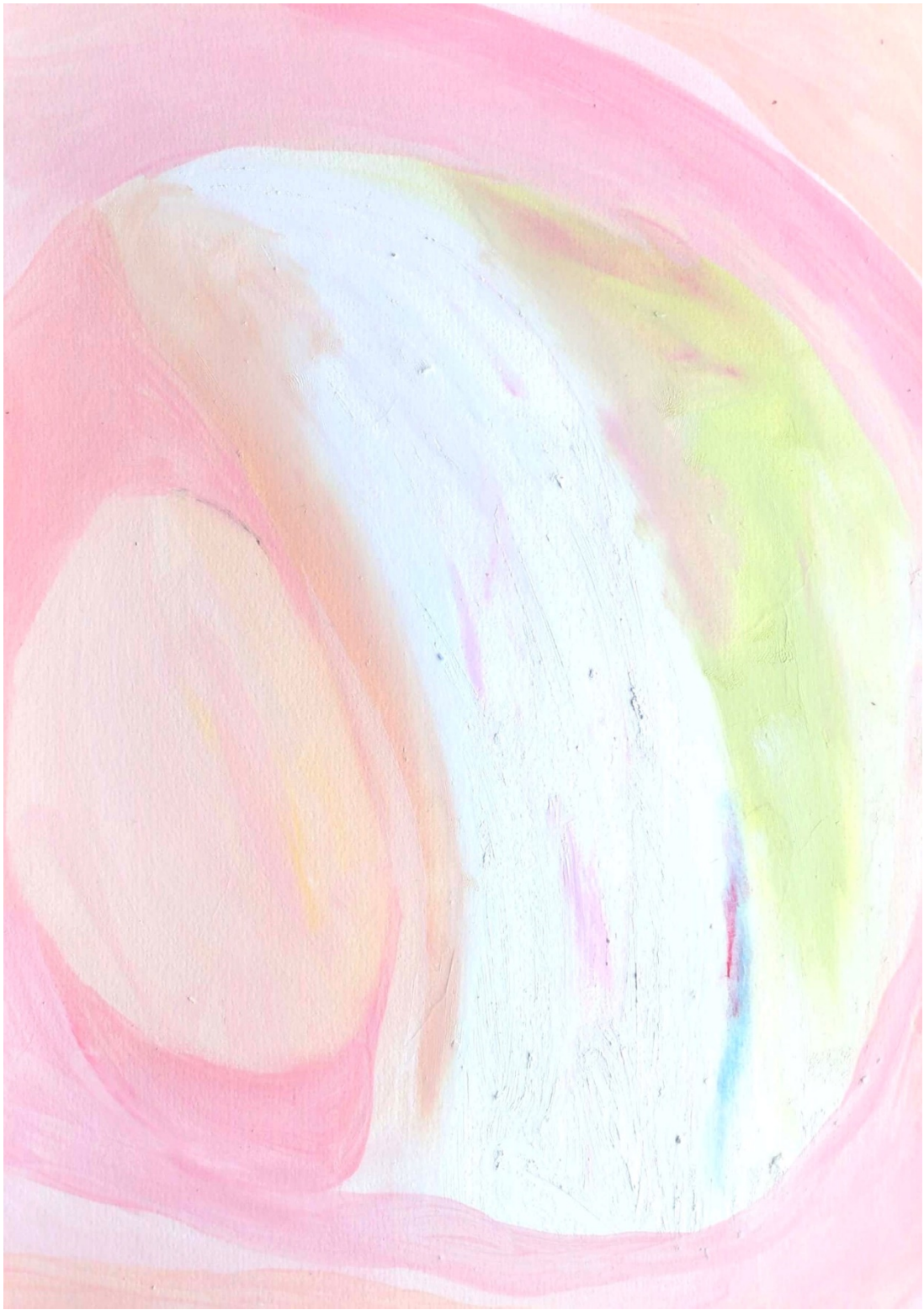
U m a
q u e

(U m a
passou a
próprios)

um mero
passara

para um ser vivo informe com o tempo contado e agora seria o momento que esta chegara a desaparecer por completo. A verdade é que a massa nunca deixara para trás nenhuma evidencia da sua morte, esta por sua vez ampliou-se e obrigou-nos ir até ela. Agora vivemos dentro dela, contemplamos todas as suas manchas, as suas tonalidades, as suas texturas, sentimos o calor que esta nos proporciona e retiramos por fim todas as sensações que esta nos oferece. Pode parecer melancólico e solitário, sobretudo quando não estamos à espera de sentir emoções que tanto mantivemos entranhados durante muito tempo, contudo continuamos protegidos pela mesma. Sente-se tudo, toca-se tudo, mas nada sai. Dentro dela, tudo é válido e não existe julgamentos. Ampliar a massa é como ampliar os nossos sentimentos e vivê-los, pois, agora esta passa a ser o indivíduo que nela entra e vai até às profundezas.





Conclusão

Jamais pensara que escrever esta dissertação acabasse por ser um desafio e um lugar onde poderia eventualmente ser eu própria. Esta, tornou-se numa pequena casa, onde não só nela está contida memórias que fazem parte de mim, como também pude crescer e aprender nela.

No início da escrita, não passara de um ovo, com casca rija, mas simultaneamente delicada, que com o passar do tempo foi-se rompendo lentamente até demonstrar a sua verdadeira essência e sobretudo a sua força interior. A criatura que nela saiu aprendeu que a vida é um processo em constante movimento, um lugar de desafios, de contradições, de constantes transformações, de forças que não se podem controlar e apercebeu-se que essa é a beleza da vida e do próprio processo artístico.

A casca não passara de uma proteção que eu própria criara, pois, demonstrar fragilidade era coisa que repugnava. As emoções que sentira ao longo deste percurso pediram-me para as expulsar e assim o fiz, custa-se o que custa-se. As noites de choro valeram a pena pois parte de mim sabia que não valia a pena continuar a esconder o que sentira e muito menos negar tais sentimentos e forças que eu própria sabia que era impossível de controlar. Aprendi a transformar estas frustrações em algo melhor e único, em expressar-me da forma que fosse, seja esta através da escrita, do desenho, da escultura ou da pintura. As emoções são as coisas que nos fazem mexer e produzir de forma impulsiva, contudo, é preciso por vezes ir ao fundo de nós próprios. Ir a lugares desconhecidos. Enfrentar-nos com coisas que julgávamos que já estavam enterradas. Descobri que apesar de inquietante, gosto da sensação de estar a caminhar por uma linha ténue entre a sanidade e a insanidade. Descobri que essa sensação apesar de assustadora, é reconfortante. Um artista arrisca, coloca-se em situações desconfortáveis, liberta-se dos preconceitos do mundo, pois lá no fundo sabemos que é isso o que nos faz mexer e produzir.

Produzir constantemente é o que eu pretendo fazer. Quero permitir-me a sentir todo o tipo de experiências que estão por vir e transformá-las em algo que me dê prazer. O que vem a seguir pouco me importa, pois sei que daqui em diante deixarei ser levada pela vida, pelas emoções e pela força que em mim está contida e que tanto quiere explodir.

Bibliografia

Sites:

Wikipédia. Saturno Devorando um Filho. https://pt.wikipedia.org/wiki/Saturno_devorando_um_filho

Tate. Art by Louise Bourgeois. <https://www.tate.org.uk/art/artists/louise-bourgeois-2351/art-louise-bourgeois>

Artsper. A Closer Look at Louise Bourgeois. <https://blog.artsper.com/en/a-closer-look/3826/>

Solomon R. Guggenheim Museum. Louise Bourgeois: Structures of Existence - The Cells. <https://www.guggenheim.org/exhibition/louise-bourgeois-structures-of-existence-the-cells>

Wikipedia. Maman (sculpture). [https://en.wikipedia.org/wiki/Maman_\(sculpture\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Maman_(sculpture))

Art Limited. Louise Bourgeois, Structures of Existence: The Cells, Sculpture, Haus der Kunst, Munich, Germany. <https://www.artlimited.net/agenda/louise-bourgeois-structures-existence-the-cells-haus-der-kunst-munich/en/7582683>

Wikipedia..Kurt Cobain. https://pt.wikipedia.org/wiki/Kurt_Cobain

WikiArt. Imponderabilia, 1977 - Marina Abramović. <https://www.wikiart.org/en/marina-abramovic/imponderabilia-1977>

RealityStudio. (The Naked Lunch Report. <https://realitystudio.org/bibliographic-bunker/the-naked-lunch-report/>

Wikipedia. O Homem Elefante. https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Homem_Elefante

British Film Institute.H.R. Giger's Alien in Pictures. Recuperado de <https://www2.bfi.org.uk/news-opinion/news-bfi/features/hr-gigers-alien-in-pictures>

Wikipedia. H. R. Giger. https://pt.wikipedia.org/wiki/H._R._Giger

Artnet News. H.R. Giger. <https://news.artnet.com/art-world/h-r-giger-2039120>

Videos:

Tate. Louise Bourgeois: 'The Personages'. https://www.youtube.com/watch?v=qy7xJhlmnLw&ab_channel=Tate

Louise Bourgeois - The Cells. <https://youtu.be/Yfu2uCX-mlo?si=CLZf14dt6o11ggVS>

Louise Bourgeois - Structures of Existence: The Cells. <https://youtu.be/lfn0qwTbgcA?si=c351wEN2EvbWafek>

MELANCOLIA EM KURT COBAIN (9 de setembro de 2021). <https://www.youtube.com/watch?v=ICcvzBZ6Wjk>.

OBRA DE ARTE DA SEMANA: Performance "Ritmo 0" de Marina Abramović – Artrianon. https://youtu.be/M4so_Z9a_u0?si=p6MQuOZ5wCF4wpDZ

Marina Abramović and ULAY. Rest Energy. 1980. <https://www.youtube.com/watch?v=0BbYkm9goOE>

Tate.Triptych August 1972, Francis Bacon. <https://www.tate.org.uk/art/artworks/bacon-triptych-august-1972-t01745>

Livros:

Allan Poe. E (2009) Histórias Extraordinárias. Leya.

Kafka. F (2005). A Metamorfose. Relógio D'Água.

Bataille, G. (1978). Madame Edwarda. O Morto. História do Olho. Lisboa. Edições António Ramos.

Taschen, H. R. Giger.

Deleuze, G. (2011). A lógica da sensação. Orfeu Negro.

Documentários/Filmes:

Morgen, B. (2015). Kurt Cobain: Montage of Heck.

Cronenberg, D. (1959). Naked Lunch.

Lynch. D. (1980). O Homem Elefante

Pasolini, P. P. (1975). Salò ou os 120 dias em Sodoma.

Scott, R. (1979). Alien, o Oitavo Passageiro.

Índice de Imagens

1. Francisco Goya. *Saturno devorando um filho*. 1819-1823.
2. Louise Bourgeois. *Maman*. 1999.
3. Louise Bourgeois. *Cell XXVI*. 2003.
4. Fotografia tirada por Paul Bergen dos Nirvana.
5. Kurt Cobain "*Journals*", 2002. Livro baseado no diário de Cobain.
6. Fotografia da performance de Marina Abramovic. *Rhythm 0*. 1974.
7. Fotografia da performance de Marina Abramovic. *Rest Energy*. 1980.
8. Fotografia da performance de Marina Abramovic. *Imponderabilia*. 1977.
9. Parte do filme "Naked Lunch", realizado por David Cronenberg em 1991.
10. O verdadeiro Joseph Carey Merrick fotografado em 1889 e 1888.
12. Parte do filme "O Homem Elefante", realizado por David Lynch em 1980.
13. Parte do filme "Salò ou os 120 dias em Sodoma" realizado por Pier Paolo Pasolini em 1975.
14. H.R. Giger na realização do Xenomorfo em 1979.
15. *Homenage for S. Beckett I*, 1968. H.R. Giger. Óleo sobre madeira, 100 x 80 cm.
16. *Homenage for S. Beckett II*, 1968. H.R. Giger. Óleo sobre madeira, 100 x 80 cm.
17. Francis Bacon "*Triptych August 1972*".
18. Desenhos/cartas realizados por mim de quando era criança.
20. O Pato e os berlindes, 2021. Acrílico, lápis de cor, aguarela, carvão e caneta sobre papel. 21x29,7cm
21. *Sem título*, 2022. Lápis de cor e grafite sobre papel. 21 x 29,7 cm
22. *Sem título*, 2022. Desenho. Lápis de cor, grafite e acrílico sobre papel. 21 x 29,7cm.
23. *R.I.P Alfredo o urso*, 2022. Lápis de cor, marcador, aguarela, marcador e grafite sobre papel. 29,7 x 42 cm

24. *Binóculos e Escoca* da série “*Objetos inúteis capazes de matar*” 2022. Mix média. Dimensões variáveis.

25. *Sem título*, 2022. Mix Media sobre papel. 29,7 x 42 cm

26. *Guarda-Dedos*, 2022. Acrílico, grafite e pastel óleo sobre papel. 53,2 x 73,8 cm

27. *Botão*, 2022. Acrílico sobre papel. 125,6 x 147,4 cm

28. *De pé*, 2023. Série “*Ventre Turvo*”. Pastel óleo e pastel seco sobre papel. 29,7 x 42 cm.

29. *Sem título*, 2023. Série “*Ventre Turvo II*”. Lápis de cor, pastel de óleo, pastel seco e óleo sobre papel. 29,7 x 42 cm.

30. *Sem título*, 2023. Série “*Ventre Turvo II*”. Pastel de óleo, pastel seco e óleo sobre papel. 29,7 x 42 cm.

31. *Sem título*, 2023. Pastel de óleo e óleo sobre papel. 29,7 x 42 cm.

32. *Sem título*, 2023. Pastel de óleo e óleo sobre papel. 29,7 x 42 cm.